



-	x	+
?	x	!
s	x	\$
o	x	%
↓	x	↑
x	x	X

hector olea

JUZAZUJ

lo que sin evidencia la palabra muda

ALGO TINTACTOTACTO

MERETRISTE CASTANA

CABELLEZA TRENZADA

CAIDA HASTA LOS HOMBRES

PROSTITODA LA LUZ DE UNA TRISTAZA

SOMBRAHEMBRA AGUA

lo que tras del espejo la realidad cuelga

Incipit

décio pignatari

– Cansa-se, Signor, da vida dos signos,  
embora não haja outra.

O Místico Quente, Sutra II, 5-a

– A criou a palavra elefante e todos os elefantes começaram a desaparecer, desde a espécie que cheira com as orelhas até a que trepa em posição ginecológica. A encerebrou a essência dos elefantes e no lugar deles começaram a aparecer outros objetos.

– Que objetos?

– Cadeiras.

– Palavras cadeiras?

– Ambas.

– A criou a palavra amor e todos os amores começaram a desaparecer, desde o que se degusta rindo com a nova forma nasi até o que se pirlipica com o gomo meio aberto. A encerebrou a essência dos amores e em seu lugar começaram a aparecer outras coisas.

– Que coisas?

– A emoção indireta e as máquinas de pipoca plástica.

– A criou a palavra pássaro e todos os pássaros começaram a desaparecer, desde os que mudam de plumagem durante o vôo até os que as mulheres fazem de terceiro seio. A encerebrou a essência dos pássaros e no lugar deles começaram a aparecer outros pássaros.

– Outros?

– Sim: os que não voam apenas pelo céu.

– A criou e

sp março 75

**BLAKE**

**BLAKA**

**BLAIA**

**BAHIA**

**BLHIA**

alguns provérbios do inferno de william blake  
(de the marriage of heaven and hell)  
tradução de antonio risério e caetano veloso

Que o homem use a pele do leão e a mulher o pelo do carneiro.  
Aquele que deseja mas não age, produz pestilência.  
Nenhum pássaro voa alto demais, se voa com as próprias asas.  
O rugir dos leões, o uivar dos lobos, a fúria da tempestade no mar, e a espada destruidora são porções de eternidade demasiado grandes para o olho do homem.  
A abelha trabalha: não tem tempo para mágoas.  
A eternidade está enamorada das obras do tempo.  
A macieira nunca pergunta à faia como haverá de crescer; nem o leão ao cavalo como apanhará sua presa.  
Aquele cuja face não luz nunca será uma estrela.  
Erguem-se prisões com as pedras da lei, bordéis com os tijolos da religião.  
No tempo de semear, aprende; na colheita, ensina; no inverno, goza.  
A raposa culpa a armadilha, não a si mesma.  
O rato, o calunga, a raposa, o coelho, espreitam raízes; o leão, o tigre, o cavalo, o elefante, espreitam frutos.  
A vergonha é a capa do orgulho.  
Os tigres da ira são mais sábios que os cavalos da instrução.  
O pássaro — ninho, a aranha — teia, o homem — amizade.  
A cabeça, Sublime; o coração, Pathos; os genitais, Beleza; pés & mãos, Proporção.  
O verme ferido perdoa o arado.  
Preces não lavram! Louvores não ceifam!  
Se outros não fossem tolos, nós seríamos.  
A pompa do pavão é a glória de Deus.  
A lascívia do bode é a bondade de Deus.  
A ira do leão é a sabedoria de Deus.  
A nudez da mulher é a obra de Deus.  
Tristeza em excesso, ri. Alegria em excesso, chora.  
Os olhos do fogo, as narinas do ar, a bôca da água, a barba da terra.

grécia tropigal

/paráfone de alkaios (62o a.c.)

ó

coroadada  
de violetas

ἰόπλοκ'  
ióplok

antílope

sorriso-mel

ἄγνα  
agna

alga

sagrada

μελλιχόμεϊδε  
mellikhomeide

melicanora

Safo

Σάπφοι  
Sappho

gal

Haroldo de Campos  
28 set 74

haroldo de campos

nota:

tradução de duas linhas  
do trovador provençal  
bernart de ventadorn  
citadas por ezra pound (canto XX)  
segundo um método entrevisto  
por décio pignatari  
como sempre  
"il miglior fabbro"

agosto de campos

ΛΕΥΚΟΝΤΙΣ

ΕΥΡΩΠΑΪΚΟΝ ΕΠΙΣΤΗΜΟΝ

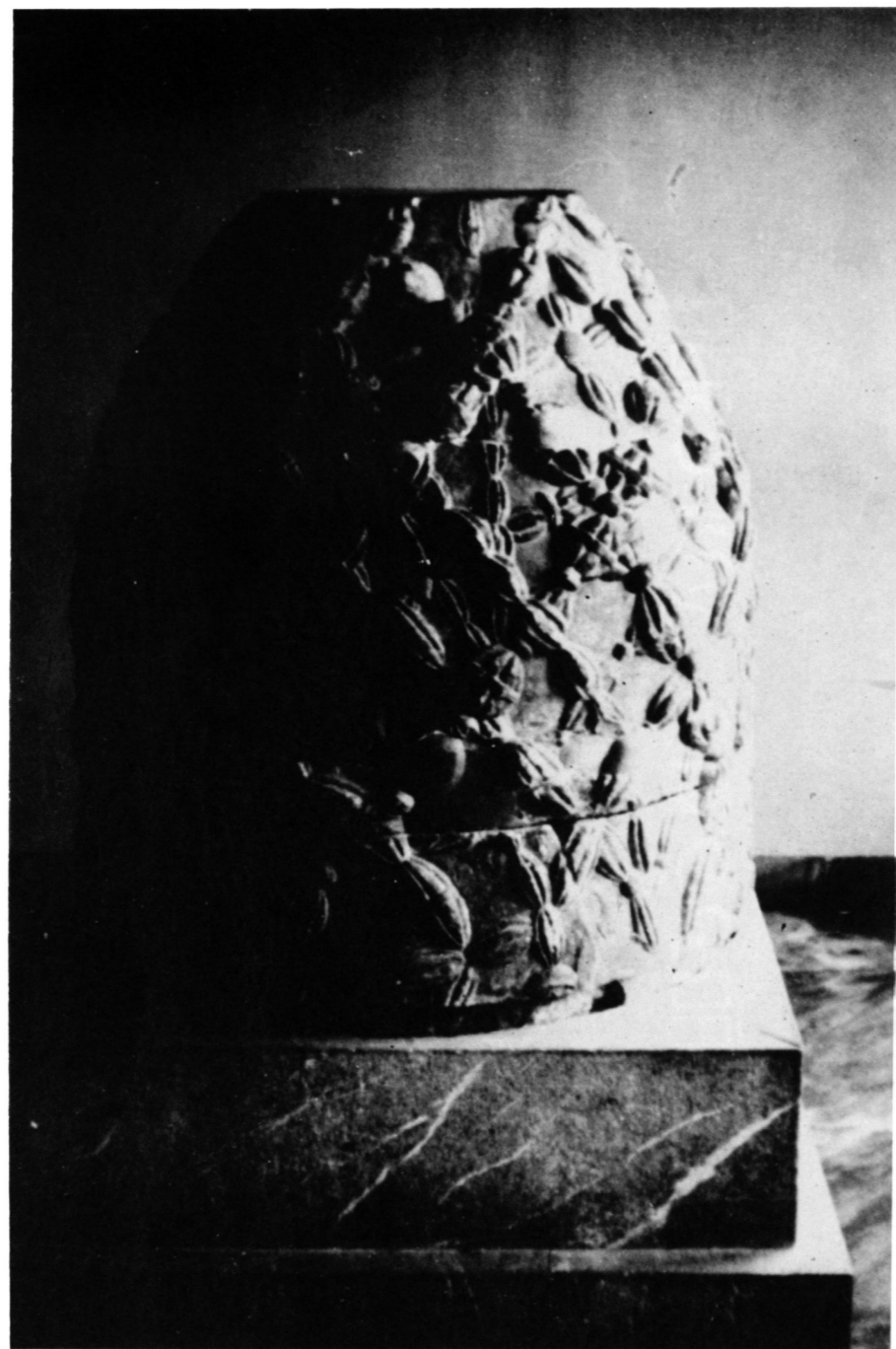
ΑΝΘΡΩΠΙΝΗΝ

ΕΥΡΩΠΑΪΚΟΝ ΕΠΙΣΤΗΜΟΝ

ΕΥΡΩΠΑΪΚΟΝ ΕΠΙΣΤΗΜΟΝ

ΕΥΡΩΠΑΪΚΟΝ ΕΠΙΣΤΗΜΟΝ

ΕΥΡΩΠΑΪΚΟΝ ΕΠΙΣΤΗΜΟΝ



zenpriapolo      décio pignatari  
delfos-valdevinos    junho-agosto  
1974

Ω  
ΟΜ  
ΟΜ  
ΟΜ  
ΟΜ  
ΟΜ ΦΑΛΛΟΣ  
ΟΜ  
ΟΜ  
ΟΜ

pháneron  
décio pignatari

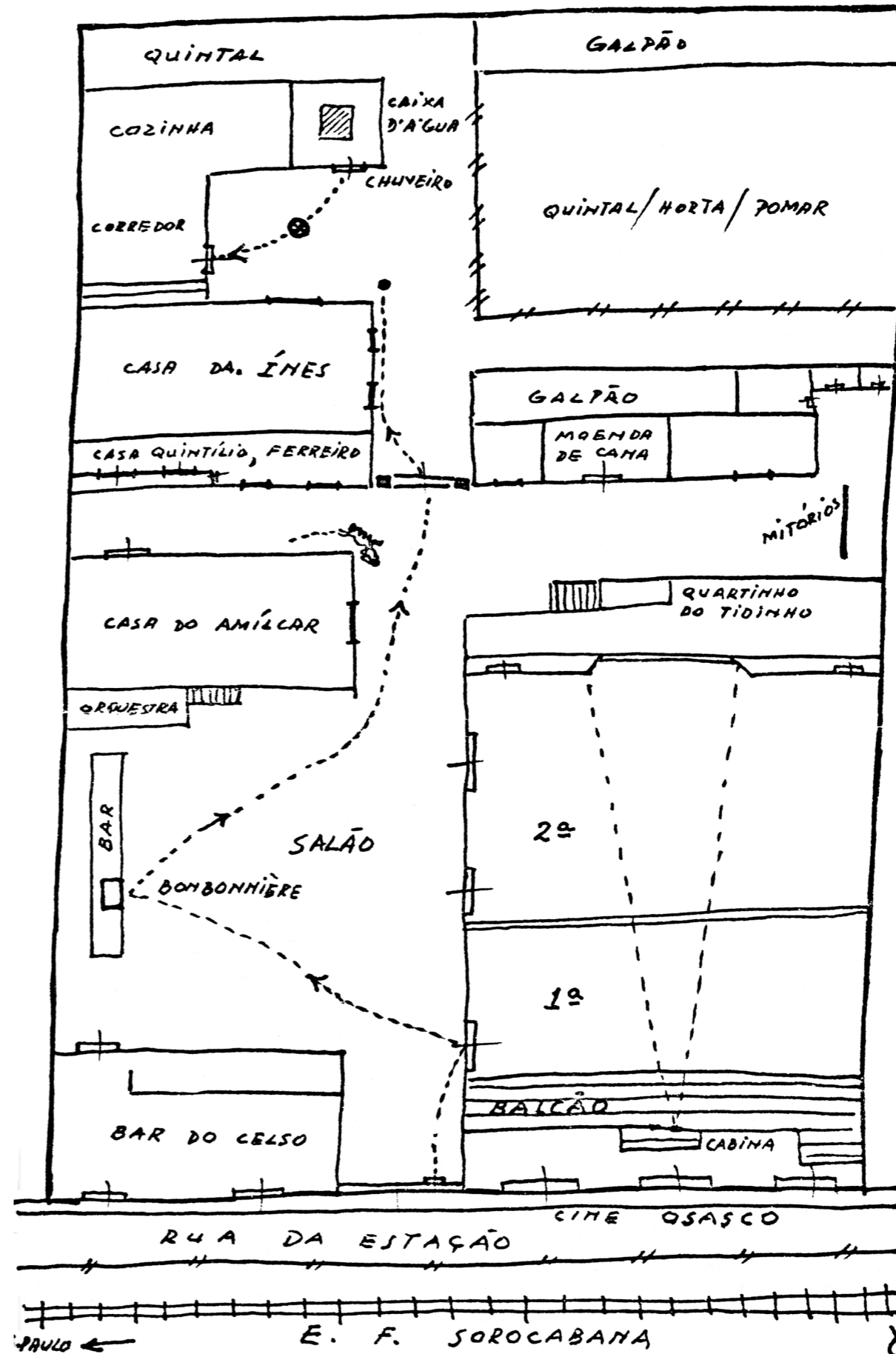
CORREUN UAA FIOC ORR / EUE NTROO UTRAV EZN  
ESSAC AIXAD' ÁGUAA TÉO SACOL ANTEJOUAF RIAO  
SP ÉSN OL IMOA VOZD ISTANCEP ORT ODOZO SL  
ADOSD OSQ UADRADOSD EC IMEN / TODASA SV EZESQ  
UEP ONHOO SP ÉSN OS ILÊNCIOD OC ORREDORE  
STRONDAVAN OSC OSTADOSO CONTRAPESOD EF ERR  
OP ENDENTE P ARAF ECHARO PORTÃOZINHOR ECORT  
ADON OP ORTÃOE DOO UTROL ADOF IMD ET ÚNELC  
RESCEN AE SQUINAO CILIN

#### SOLA CREPE

DROM ALHADOA TARRACADOD OP ASSOCAL AMBEN  
DOP ELOSO LHOSJ ACARÉSA BEIÇORRAC RUAD EG  
ELÊIAD EA M / OLHAT ÆOF ORTEV ENDO-SEN UAE  
MM IMQ UEF ICOUA GITANDOA SM ÆOSE MP OUSOE  
NGALFINHADOD EP OMBOSS AIAD AÍU MN ÓD EC  
ALORS ANGRU-MEA NU / CADAV EZQ UEP ASSOP  
ELOS ALÃOI AE SPIARP ORU MAD ASP ORTASD OC  
INEMAE SCRÍNION OE SCUROE NTREB AMBINELASD  
ET ÁBUAC ELESTEF RANJASA MAREL

#### TÁPIA

ASO NDEP RATEOUP ARAS EMPREA PEDRAF RANCAD  
OM E / DOMINGOA ZULS OZINHOT EPIDOB ANHON AD  
UCHAS OBA CAIXAM ASO SOLJ ÁE RAMS EISH ORASE  
NTRANDASP ELASC RUZESV AZADASN OA LTOD AP  
AREDEO SCILAME CINTILAMP ELAC ABEÇAT EMPLEO  
SP AGODESD EE SPUMAC AMPÂNULASR OXASE NQUA  
NTOL ÁE ALIP ERAS USTENTAVAO CHEIROD EV ERÃO  
N OP OMARS USPENSON OC ISCOD EO UROD AC ALMAS  
OL / ARD EG UL



FAY WRAY

OSOÉ OM EUN OC ADENTEV AZIOE QUANDOA ST  
ESOURASD EM ADEIRAE STRAÇALHARAMO ESTRÉPIT  
OD EU MAP EDRAN OZ INCAMEE UE STAVAD IANTED  
AB ONBONNIÈREC HUPETASD EC HOCOLATEL ICORN  
UMC HÅOD EP APÉISP RATAV ERMELHOV IOLETAM  
ARAVILHAE NTRET RIZESD EP URPURINAE FÍMB  
RIASD EC ELOFA / NEMT ENHOC ORAGEMD ER EOLH  
ARM UITOO SC ARTAZESD OF RANQUISTÉMT IVEM  
IJANEIRAE SEDEV OUA TÉA CASAD

RONQUEIRA

AT IAA SQ UATORZEC HAMINÉSD AC ERÂMICAD EO  
SASCOD OO UTROL ADOD OST RILHOSO BELISCAMA  
PARADAG LANDED OS OLD EIXANDOO VIOLETAM  
USGUEARA CORCOVAD OJ ARAGUÁE EUE MPURRARO  
VERMELHOD ESCASCADOD OP OR / TÃOS OLTOD EM  
IMV OUE RGUENDOA SC ABECINHASD EM INERVAQ  
UEP RENDEMA SV ENEZIANASQ UANDOM EP UXEIP  
ELAM ÆOE SQUERDAN AQ UINAD AC ASAE BÓRISK  
ARLOFF;P ARECII MENSION OT EM

PAPELOTE

POD OP ÁTIO:M ECHAV IRGULANDOO LHEIRAL OIRAD  
EDOD EE SPUMAN OU MBIGOD UASU NHADASD EV  
ERDED USASP ONTASD EA MENDOIME MC ASCAE  
NCRESPANDOO SP EITINHOSO CORTEI NCHADINHOB  
UCETAD OP ÊSSEGOU MAI MPIGEMR OSADAL UZIDIAV  
APORIZANDOA POLPAQ UER ODOPIAA FENDAG RAND  
EE MF UGAS EMC ACHINHOSP ELAP OR / TAMBÉMU MC  
HEIROD EE RVA—DOCEE FRUTASB ICADASQ UANDOO  
LHEIO COLARD SP EGADASM OLHADASE MD IAGON  
ALN OQ UENTEF OFOD OL AJEDOE OS ANHAÇOC  
INZAZULAA CIMAQ QUARTOC RESCENTED EU MA ÇOV  
VIU? D ESFERIDOA PEDRAD EE STILINGUEC OMOU MT  
RECHOQ UEP ASSA

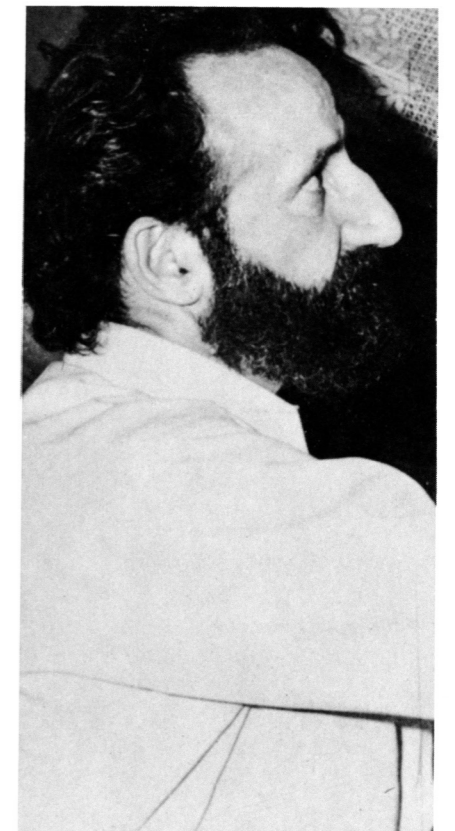


2. Ela, pivô do Pháneron / 1938



3. Ele, quando viveu o Pháneron

4. Ele, quando registrou o Pháneron / 1954



5. Ele, quando desrefez o Pháneron / 1973

onã o putodor latera a moder dos rofates  
a frasote dos onã realta o dorputo medor  
relata onã a estofar o putodro dos redom  
a drotupo dos faretos raleta o demor onã  
a rodem dos trafeso arelta o onã droputo  
dorme onã a talear o trasefo dos tropudo  
a restofa dos onã lerata o prutado odrem  
o merdo dos todupro tearla a fotaser onã  
a ordem dos fatores não altera o produto

josé lino grünewald

esta mulher-livro este quimono-borboleta que envelopa de vermelho um gesto de escritura e  
doura suas páginas dela a mulher-livro em papel-japão cada página se compagina num  
fólio-casulo deixa ver o corpo escrito de vermelho e filetes de ouro esta mulher pousada em  
seu poema como uma borboleta sugando mel por trombas minúsculas um corpo em linha d'água se  
transparenta quando o papel encorpa e deixa ver esta epiderme jalne leopardando um espaço de  
papel de pele de seda mas o quimono velário vermelho vela e enturva êste espaço-interstício a  
mulher-livro lê-se lacuna a cunha a cona cuneiforme incunábulo escrito em língua cunilingue  
bômbix a borboleta-ptix escapa da ventarola do quimono e um alfinete-estilete a fixa neste  
papel-japão que pode ser um ventre velino tênsil ventarola onde um sol minúsculo  
tangerina raia no amarelo-mandarim roçagar de páginas pés-plumas que se anteplumam  
ou asas de quimono enfolham nervuras a tinta de ouro ramagem branca abrindo um  
parágrafo borrado a nanquim o sexo-chaga lábios de ferida crinipúbis ouro no  
vermelho preto no branco à ourela da escritura ouço as yonis sussurando como ocarinas e  
manando seiva amorosa kama-salila botão de lótus a saliva vista através das paredes da garganta  
pele-papel-de-seda translucila se transparenta as yonis como ogivas ambarinas emitem flagelos  
amaranto que lêem pelo tacto feito dedos de cego o lingam túrgido explode cogumelo venoso e o  
sol fala solfatara solfalo solferino polifemo de corpos cavernosos monolhando a ninfa escrita  
galatéia o sol pára sol roncolho cioso de sua gleba o escrito o lido a ninfa de palavras  
mulher-livro marcada e coxiaberta vide também viagem viário breviário de lidas indas e vindas  
vidas isto tudo nasceu de um quimono que drapeja dobras como páginas e a mão que o manuseia e  
que descerra suas folhas e fileta de ouro cada folha por isso posso rasurá-lo agora e deixar no  
branco vacante este risco iminente de outro escrito de outro branco de outro resto incesto  
palim que é o nome de uma constelação psesto e tem côres e se deixa caligrafar e radia pois  
um signo é alvéolos donde abelhas minam o mel do sentido e o cancelam alvéolos arruinados  
que se formam e arruinam outros alvéolos em ruínas onde está agora a mulher-quimono borboleta  
a envelopar gestos vermelhos e o poema em que ela pousa e onde ela pode estar inscrita cifrada  
borboleta de asas vermelhas que fechada é um livro e aberta mulher e lê-se quem adverte a  
erosão dos textos quem registra os maremotos calados do papel os mortos parafinados as  
letras-esqueletos branco vazado de branco tudo é lícito e cumpre um destino de imprimatur  
agora indigito a mulher-livro e ela se deixa compor com a mesma certeza com que este parágrafo  
se abre ramagem branca estriada de nanquim ventarola-pele coando luz como sílabas kama-salila  
de yonis gorgeantes que são bocas guelras dedos de cego ventosas flagelos e grafam  
caligrafam indigitam

haroldo de campos

galáxias — fragmento

cheiro de urina de fécula de urina adocicada e casca de banana de manga rosa quando esmagada no chão o calçamento desliza nos pés como se você estivesse entrando por uma região viscosa um aberto de vagina em mucosa pedrenta tudo cheirando vida ou morte ou vidamorte um cheiro podre de orgasmo rançoso e peixe e postas de carne ao sol a muleta solavanca um aleijão que come farinha com dedos apinhados cor cafre café ocre moca o peito apoja debaixo da fazenda rala e emborca para uma zona tórrida de coxas colantes e grelo-fio-de-mel agora é a mulata de olhos bistrados que reolha um espelho de lata e esmalte e correm para o oval de reflexos fósforos fásclas um cio r̃emontado de cachorros também cheiros gritos trilos psius o fartum da rua em chaga exposta mas tudo reverte para um céu de ouro um céu de talha dourada arcos e rearcos numa florada de florões com atalantes e cariátides e anjos-fêmea de brinco e coifa de cortezã índios e cocares também na selva poliáurea onde troncos se desrolam e se desnastram em cachos e mechas de amarelo-ovo garança e grená poêm chagas num cristo marfinizado de pele cinamomo e o cristo se crucifica no resplendor de prata que emite raios e ferrões logo mais estarei falando da festa de iansã e de como no mercado das sete portas branco-e-vermelho de bandeirolas pés trançaram capoeiras de mãos ariscas num arame sonoro e monótono o livro recede diante do cumulado arrebol de torrões de ouro mas se aplaca num claustro de azulejos legíveis e lavados gargareja a fontana por um fio de água murmurina e o silêncio de filtros e feltros expulsa os cristos gangrenados para o amarelo-hepatite do sol visguento e bexigoso como um rosto do alto da alegria vem bárbara fernandes aliás baby babynha vem dançando de ubarana amaralina alegria a dança de iansã que protege das trovoadas e se desnalga e desgarupa ou a santa nela minha mãe coroada de um diadema de brilhos e a pequena espada no braço colado ao corpo quase roçando por você rente rente ao ritmo de couros e agogôs no terreiro fechado de calor e suor onde tudo parece não caber mas cabe e dança e bate palmas e grita em nagô vocês têm que comer pelo menos a comida da santa aqui não tem cachaçada é ordem e respeito se saem antes até parece que não gostaram até parece desfazimento no fio do pescoço um dente de marfim miniaturado e na semana que vem tem outra festa festa grande vocês chegam ficam conosco passam aqui a noite de manhã na praia comem conosco e depois é festa festança mesmo a santa comia arroz com frango acarajé caruru tudo dourado de dendê pois as mãos continuavam batendo a noite que balançava das bandeirolas por furos de carvão ele regia as coisas e as pessoas media e comedia o mulato canela dono sabedor da liturgia era ele quem falava de respeito e de ordem quem propunha a comida e a festa grande bárbara babynha olhos em alvo rodopia no espanto do sagrado e agora só me resta uma frase que veio dar aqui por acaso e que eu repito como veio sem pensar repito como o om da mandala refalo remão repasso colorless green ideas sleep furiously dormem incolores idéias verdes dormem furiosamente verdes dormem furiosamente

**haroldo de campos**

**galáxias — fragmento**

passatempos e matatempos eu mentoscuro pervago por este minuscoleante instante de minutos instando alguém e instado além para contecontear uma estória scherezada minha fada quantos fados há em cada nada nuga meada noves fora fada scherezada scherezada uma estória milnoitescontada então o miniminino adentrou turlumbando a noitrévia forresta e um drago dragoneou-lhe a turgimano com setifauces furnávidas e grotantro cavernoso meuminino quer-saber o desafio da formesta o desvio da furnesta só dragão dragoneante sabe a chave da festa e o dragão dorme a sesta entãoquão meuminino começou sua gesta cirandejo no bosque deu com a bela endormida belabela me diga uma estória de vida mas a bela endormida de silêncio endormia e ninguém lhe contava essa estória se havia meuminino disparte para um reino entrefosco que o rei morto era posto e o rei posto era morto mas ninguém lhe contava essa estória desvinda meuminino é soposto a uma prova de fogo devadear pelo bosque forestear pelo rio trás da testa-de-osso que há no fundo do poço no fundo catafundo catafalco desse poço uma testa-de-morto meuminino transfunda adeus no calabouço mas a testa não conta a estória do seu poço se houve ou se não houve se foi moça ou foi moço um cisne de outravez lhe aparece no sonho e pro cisnepaís o leva num revôo meuminino pergunta ao cisne pelo conto este canta seu canto de cisne e cisenecanta-se dona sol no-que-espera sua chuva de ouro deslumbra meuminino fechada em sua torre dânae princesa fncuba coroada de garoa me coíta esse teu conto pluvial de como o ouro num flúvio de poeira irrigou teu tesouro mas a de ouro princesa fechou-se auriconfusa e o menino seguiu no empós de contoconto seguiu de seca a meca e de musa a medusa todo de ponto em branco todo de branco em ponto schereçada minha fada isto não leva a nada princesa-minha-princesa que estória malencontrada quanto veio quanta volta quanta voluta volada me busque este verossfml que faz o vero da fala e em fado transforma a fada este símil sibilino bicho-azougue serpilino machofêmea do destino e em fala transforma o fado esse bicho malinmaligno vermicego peixepalavra onde o canto conta o canto onde o porquê não diz como onde o ovo busca no ovo o seu oval rebrilhoso onde o fogo virou água a água em corpo gasoso onde o nu desfaz seu nó e a noz se neva de nada uma fada conta um conto que é seu canto de finada mas ninguém nemnunca umzinho pode saber dessa fada seu conto onde começa nesse mesmo onde acaba sua alma não tem palma sua palma é uma água encantada vai minino meuminino desmaginar essa maga é um trabalho fatigoso uma pena celerada você cava milhas adentro e sai no poço onde cava você trabalha trezentos e recolhe um trecentavo troca diamantes milheiros por um carvão mascavado quem sabe nesse carvão esteja o pó-diamantário a madre-dos-diamantes morgana do lapidário e o menino foi e a lenda não conta do seu fadário se voltou ou não voltou se desse ir não se volta a lenda fechada em copas não-diz desdiz só dá voltas

**haroldo de campos**

**galáxias - fragmento**



sousândrade: rascunho para uma urna

ignição  
de signos  
hino!

discorde  
harpscórdio

topázion-flor!

sinos  
desacordes

sina  
inciso  
sinal

insânia: a

sangra  
o dente  
do siso

insígnia

riso  
clandestino)

sousândrade 1874-1974

(fotopsicograma)

visão:

augusto de campos

concretização:

josé luís garaldi

josé roberto lakatos

eh pagu eh!

patricia galvão (pagu)  
desenhecreveu  
**PAGU (nascimento vida paixão e morte)**  
em 1929  
tinha então 19 anos  
por essa época ela colaborava  
com alguns desenhos  
nas páginas da **revista da antropofagia**  
(2ª denteição)  
publicadas no “diário de são paulo”  
de 17-3-29 a 1-8-29

até hoje inédito  
o “livro” de pagu  
pelo seu estilo e pelo seu teor  
de anti-fábula desmi(s)tificante  
começando pela paródia iracêmica  
(além... muito além do martinelli...)  
pode ser colocado  
sem esforço  
entre os documentos antropofágicos

estes textos e desenhos  
oswald-tarsilianos  
cheios de amor e humor  
têm algo de amadorístico  
na expressão e no traço  
e no entanto constituem  
uma tentativa rara  
de ligar verbal e não-verbal  
uma senda pessoal no caminho aberto pelo  
**1º caderno do aluno de poesia oswald de andrade**  
com desenhos de oswald e capa de tarsila (1927)

**PAGU**  
(nascimento vida paixão e morte)  
uma vida vivida  
na concisão de uma história-em-quadrinhos  
autobiofagia

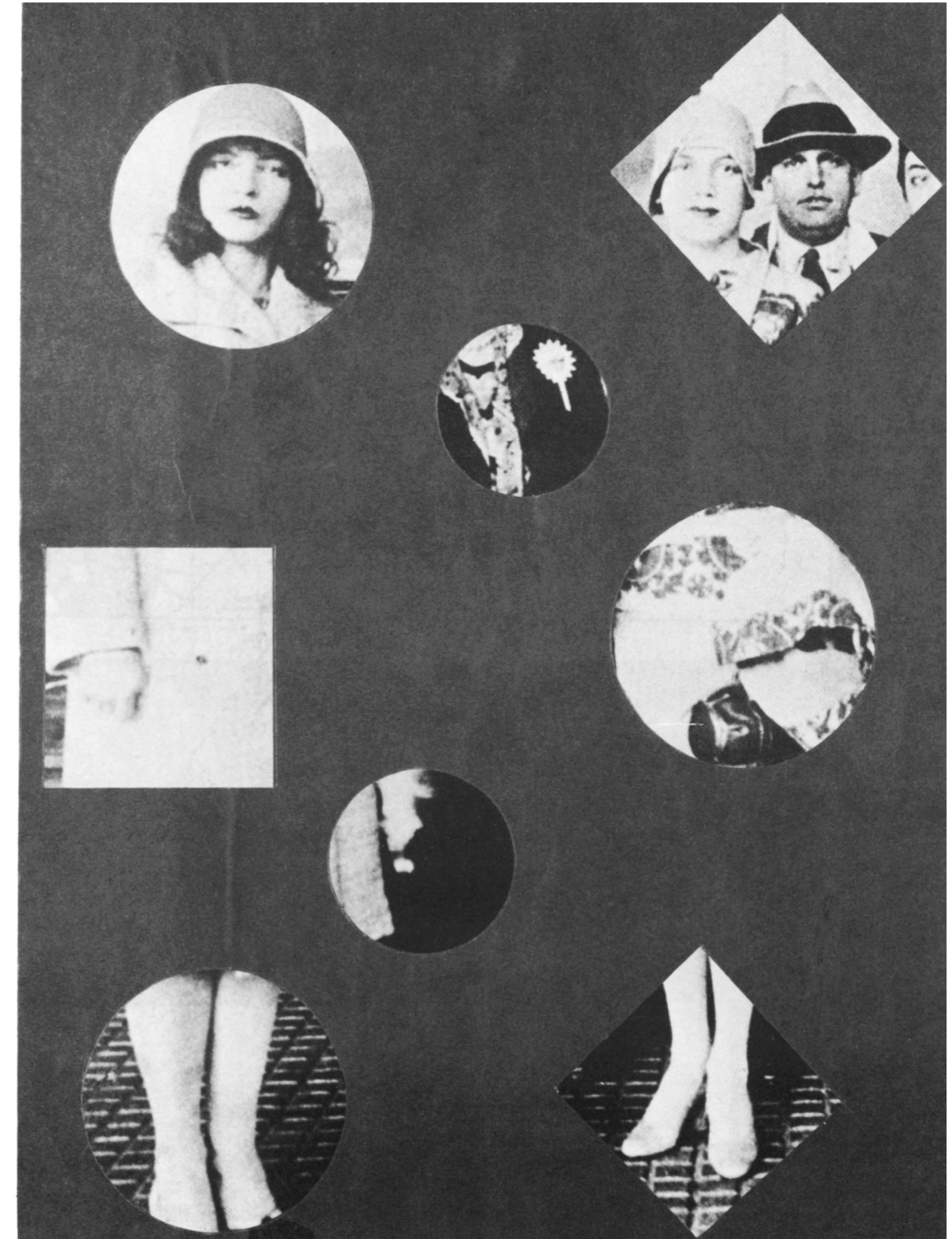
é provável q patricia  
nunca tivesse pensado em publicar esse “livro”  
deu-o de presente  
objeto único  
a tarsila

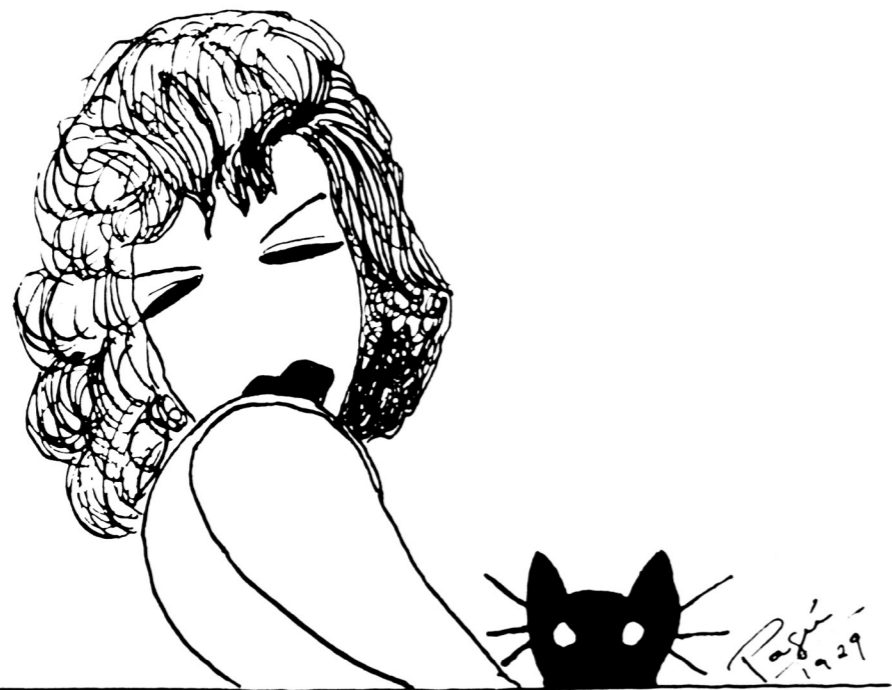
mas a nossa pobre literatura  
tão fechada e tão chata  
não pode se dar ao luxo de ignorar  
coisas como essa  
com gosto de invenção e de liberdade

josé luis garaldi  
descobriu o original  
na biblioteca de  
oswald estanislaú do amaral filho  
sobrinho de tarsila  
a quem agradecemos a permissão  
para divulgá-lo

a montagem cartoonizada das páginas  
em redução fotográfica  
é de josé luis garaldi e

augusto de campos





PAAGÚ

NACIMENTO

VIDA

PAIXÃO

E MORTE



pra Tarsila...

II

### NACIMENTO

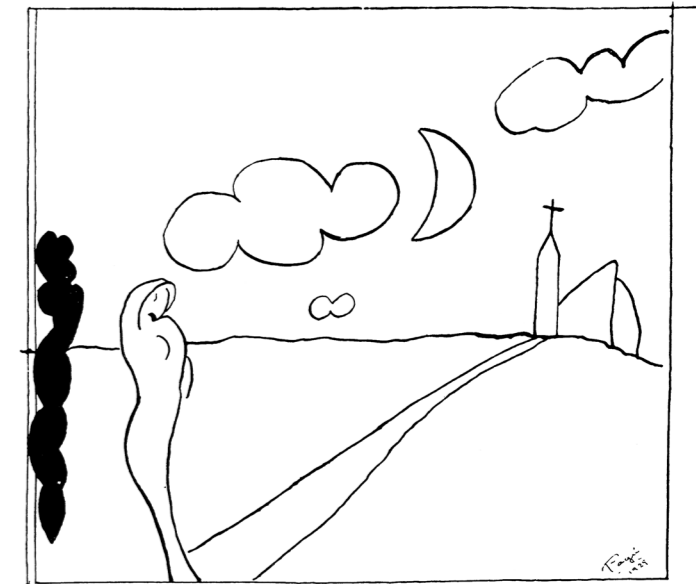
psalmo I

III

### VIDA

psalmo 7.

VI



Só... e a lua...

VII

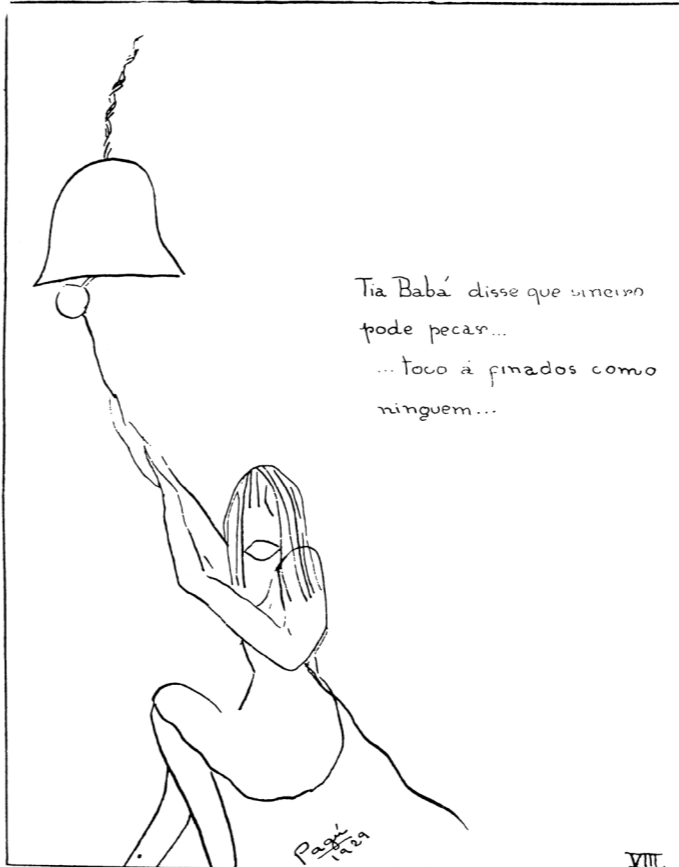


Alem... muito alem do Martinelli...  
 ...marinellamente escancarava as cento e cinquenta e quatro guelras...  
 Era filha da lua ...  
 Era filha do sol...  
 Da lua que aparece serena e suave no céu, amamentando eternamente o  
 Cavaleiro de S. George... Basmigudinha...  
 Do pae sol, amado D. decorador dos quadros futuristas...  
 O pae dela gosta de bolinar nos outros...  
 E Pagú nasceu...

IV

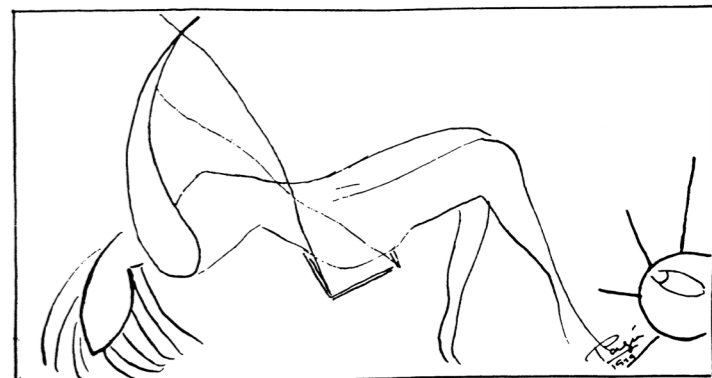
de olhos terrivelmente molengos  
 e boca de cheramy ...  
 E o guerreiro branco cantou.  
 E Freud desejou...  
 Mandioca braba faz mal.  
 Pagú essa selvagem,  
 inteligente  
 E besta...

Comeu da mandioca braba...  
 E fez mal.



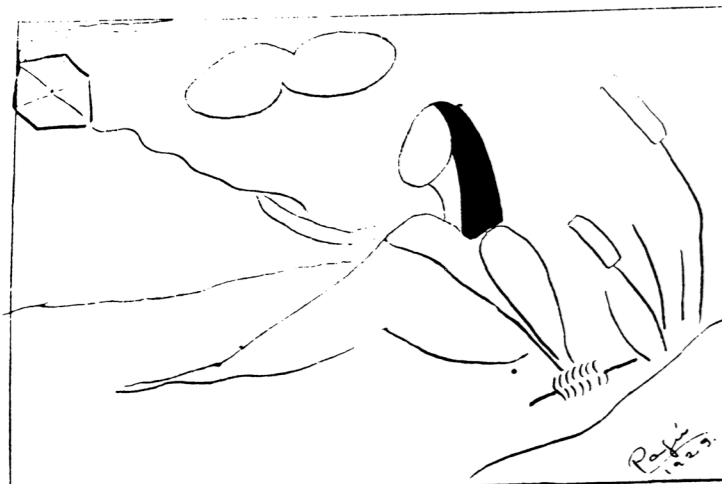
Tia Babá disse que um certo  
 pode pecar...  
 ...toco a finados como  
 ninguém...

VIII



O retângulo insensível de cabreuva recolhe  
 o delite vulcanico de minha vitalidade...  
 quero ir bem alto... bem alto... numa  
 sensação de saborosa superioridade -  
 é que do outro lado do muro tem uma  
 coisa que eu quero espiar --

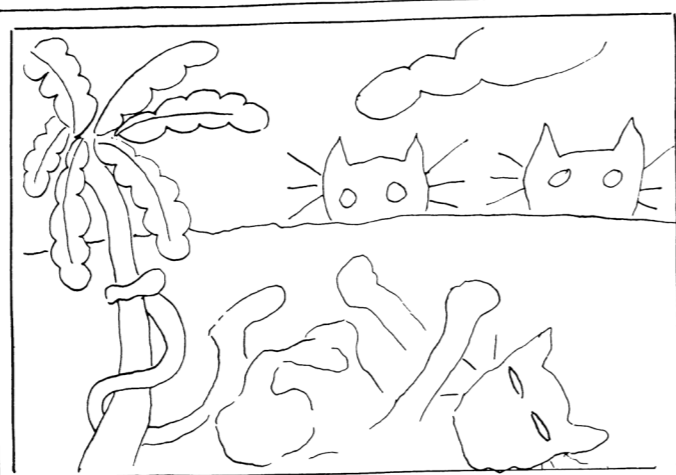
IX



Rafael  
1979

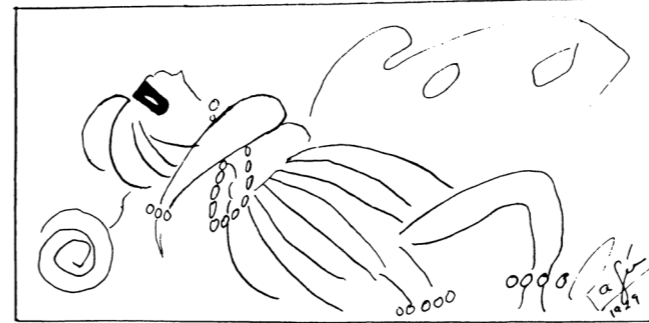
natureza diabólica  
calos infernal  
cores saídas  
taboas, musgos, lodo.  
solava papagaios e voltava pra casa sem baton.

X



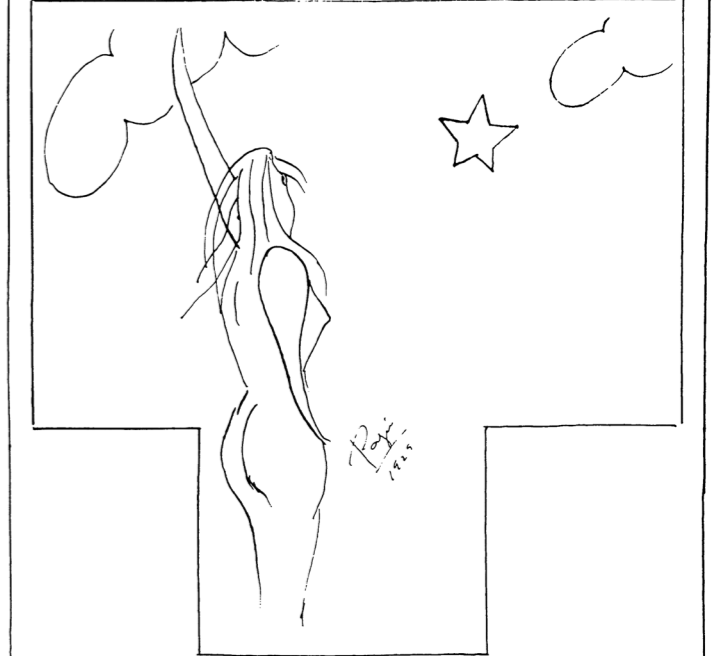
... a minha gata é saçada e corriqueira...  
arremeda "picassol"  
trepna na trave do galinheiro e preguiçozamente escancara a boca e as pernas.  
... a minha gata é vampira...  
mimo de um italiano velho e apaixonado, general de brigada, dois metros de altura, pelado e sentimental, atavismo.  
oluxo da minha gata é o robo  
ela pensa que é serpente...

XI



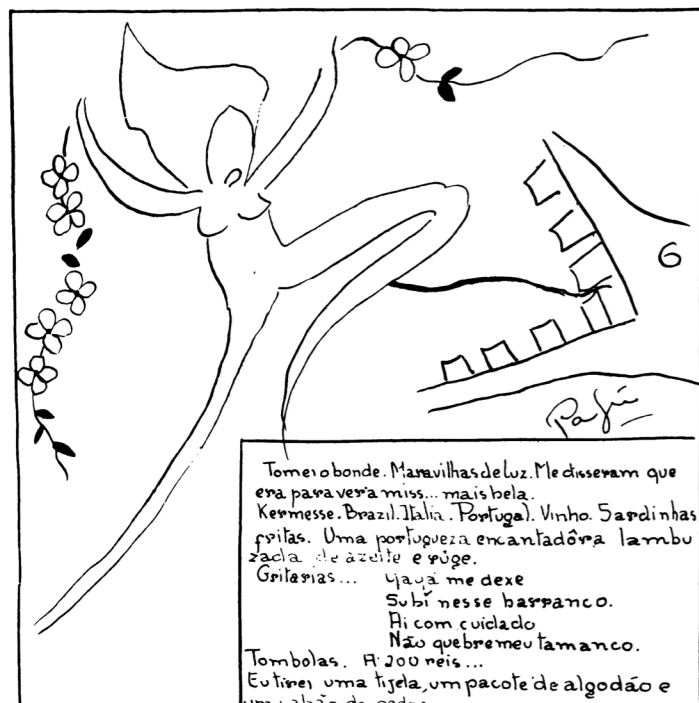
Quando eu era avaiiana tomava éter.

XV



eu quero... você...

IXV



Rafael

Tomar o bonde. Maravilhas de luz. Me disseram que era para ver a miss... mais bela.  
Kermesse. Brazil. Itália. Portugal. Vinho. Sardinhas fritas. Uma portuguesa encantadora lambuzada de azeite e açúcar.  
Grilarias... Mãe me dexe  
Subi nesse barranco.  
Ai com cuidado  
Não quebre meu tamanco.  
Tombolas. R\$ 200 reais...  
Eu tive uma tijela, um pacote de algodão e um sabão de pedra.

Um mulatinho sorumbático, de sapato vermelho e costeleta preta me boimava... Moita! Tomei o bonde com um pasteleiro que escarrava sangue. O trapico moreninho concentrado perseguia-me, mostrando com bencolher dos beijos chupando o ar e uma língua roxa e feridenta, a força do temperamento.  
Fizadela!...  
Fizadela foi enorme. Depois deu um sanduiche de pão e

XIII

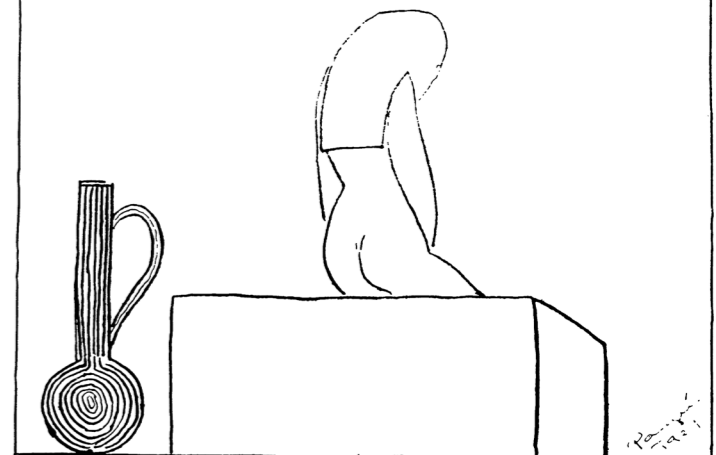
linguica dormi... agarrada a vassoura de encerrar e com o facão da cozinha, debaixo do traveseiro.  
Moita! Sonhei com o mulatinho sorumbático, de língua feridenta...

IXV



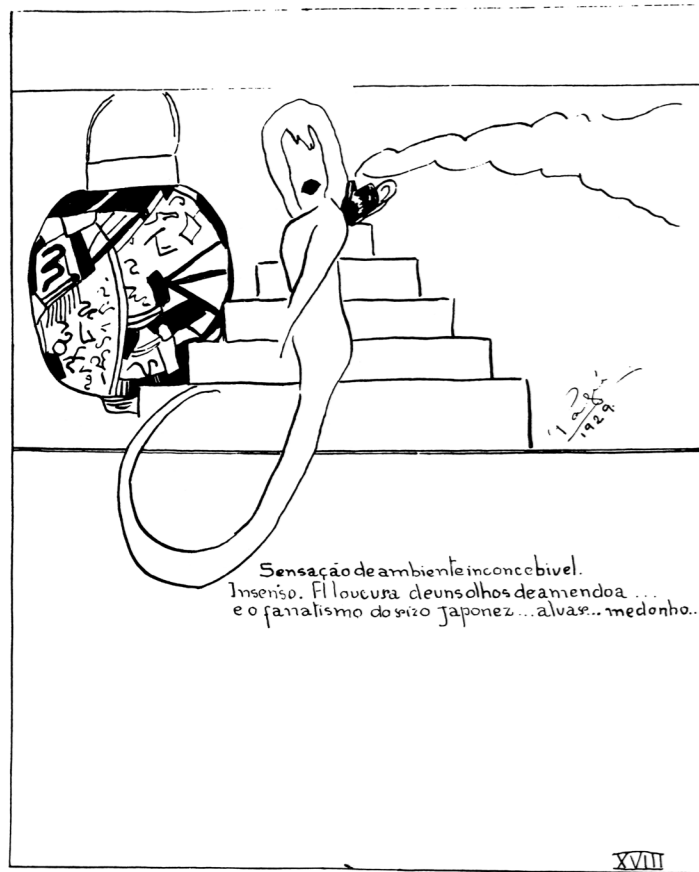
... tricolme desbolada...  
uma gata pejada... pachorrenta.  
rosas no santuário,  
figuras imoriaes...

XVI



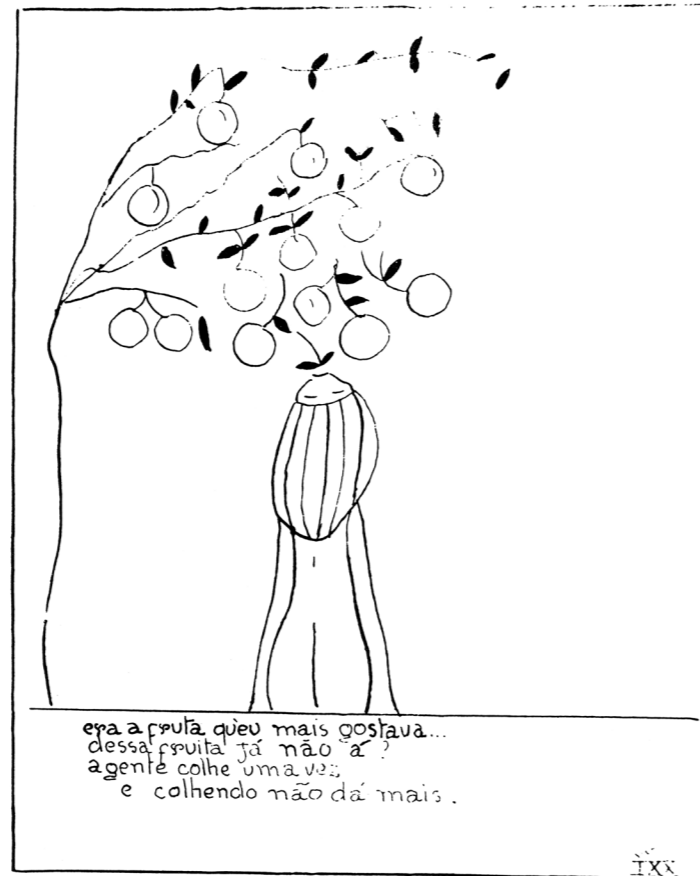
ambula morna.  
licor captozo  
solidab... e... eu...

XVII



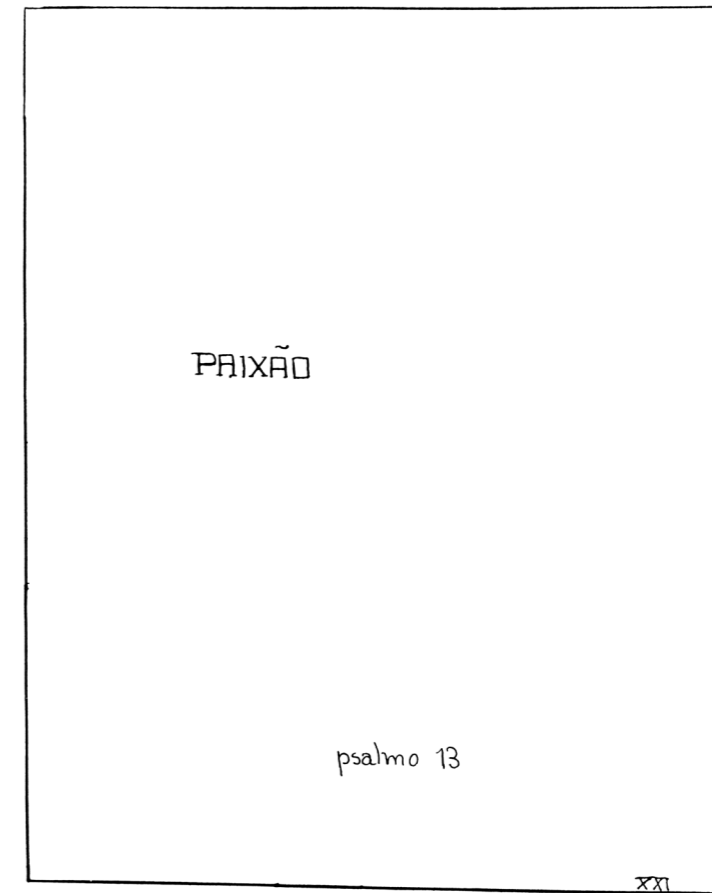
Sensação de ambiente inconcebível.  
 Insenso. Fúria de olhos de amendoa...  
 e o fanatismo do sizo japonês... alvar... medonho...

XVII



epa a fruta queu mais gostava...  
 dessa fruta já não a?  
 agente colhe uma vez  
 e colhendo não dá mais.

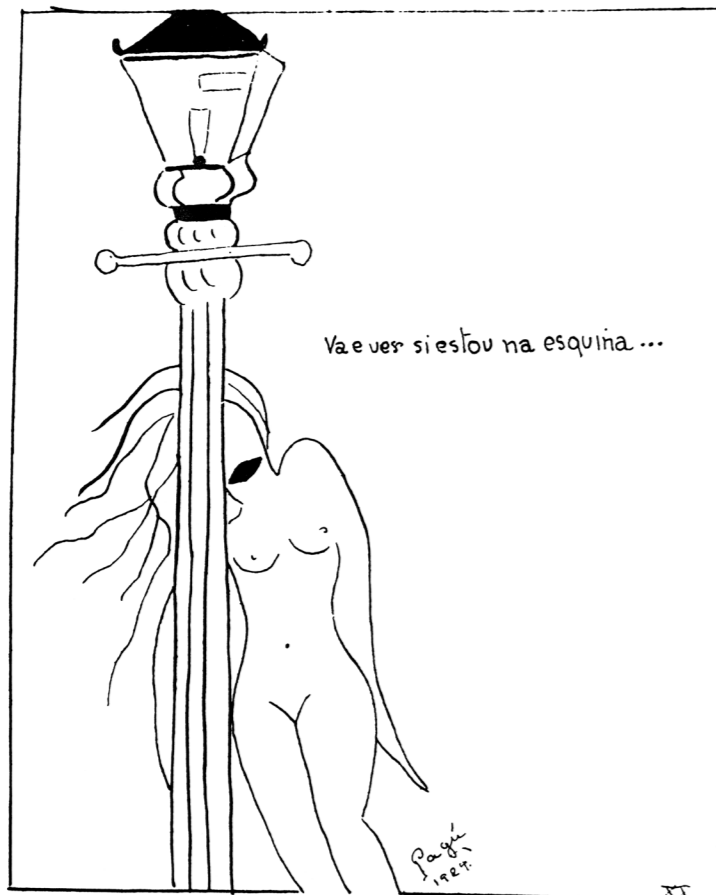
IXX



PAIXÃO

psalmo 13

XXI



Va e ver si estou na esquina...

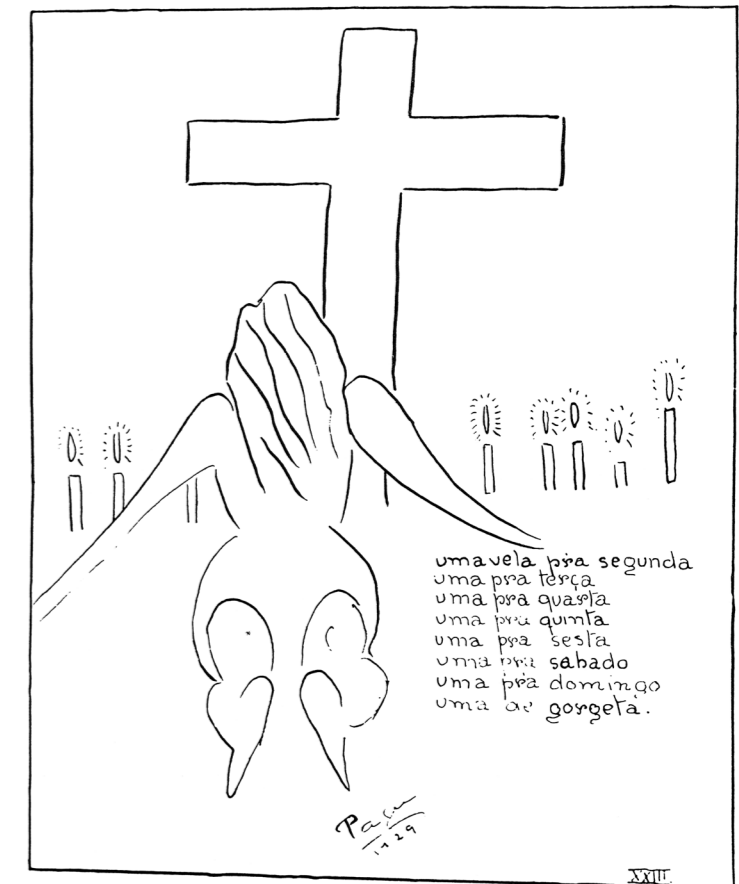
Paixão  
1984

XX



dentro da lei... nha...

XXII



uma vela pra segunda  
 uma pra terça  
 uma pra quarta  
 uma pra quinta  
 uma pra sexta  
 uma pra sábado  
 uma pra domingo  
 uma de gorjeta.

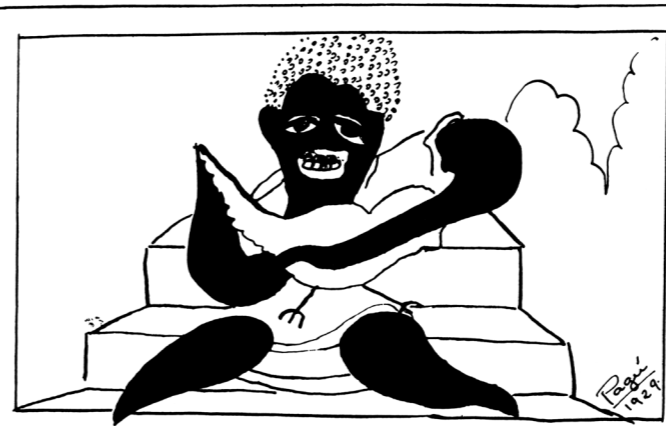
Paixão  
1984

XXIII

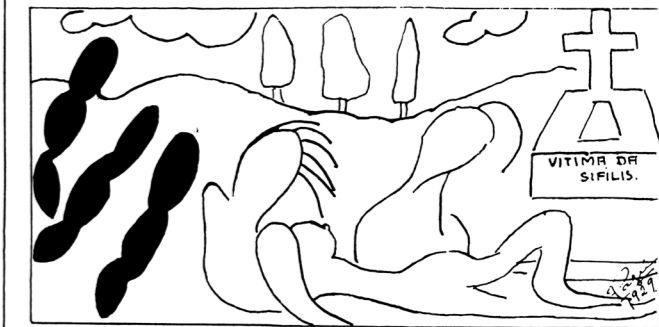


O meu diogenes espalha a tozo  
 O meu primeiro amor  
 que acabou com o segundo.

XXXV



Lá em casa tem uma negra...  
 É rapinheira e de "mizo safado"  
 Doidinha por joias  
 Mas avulha o casteiro  
 Uma fugida de gratificação para o  
 sexo dos pintos...



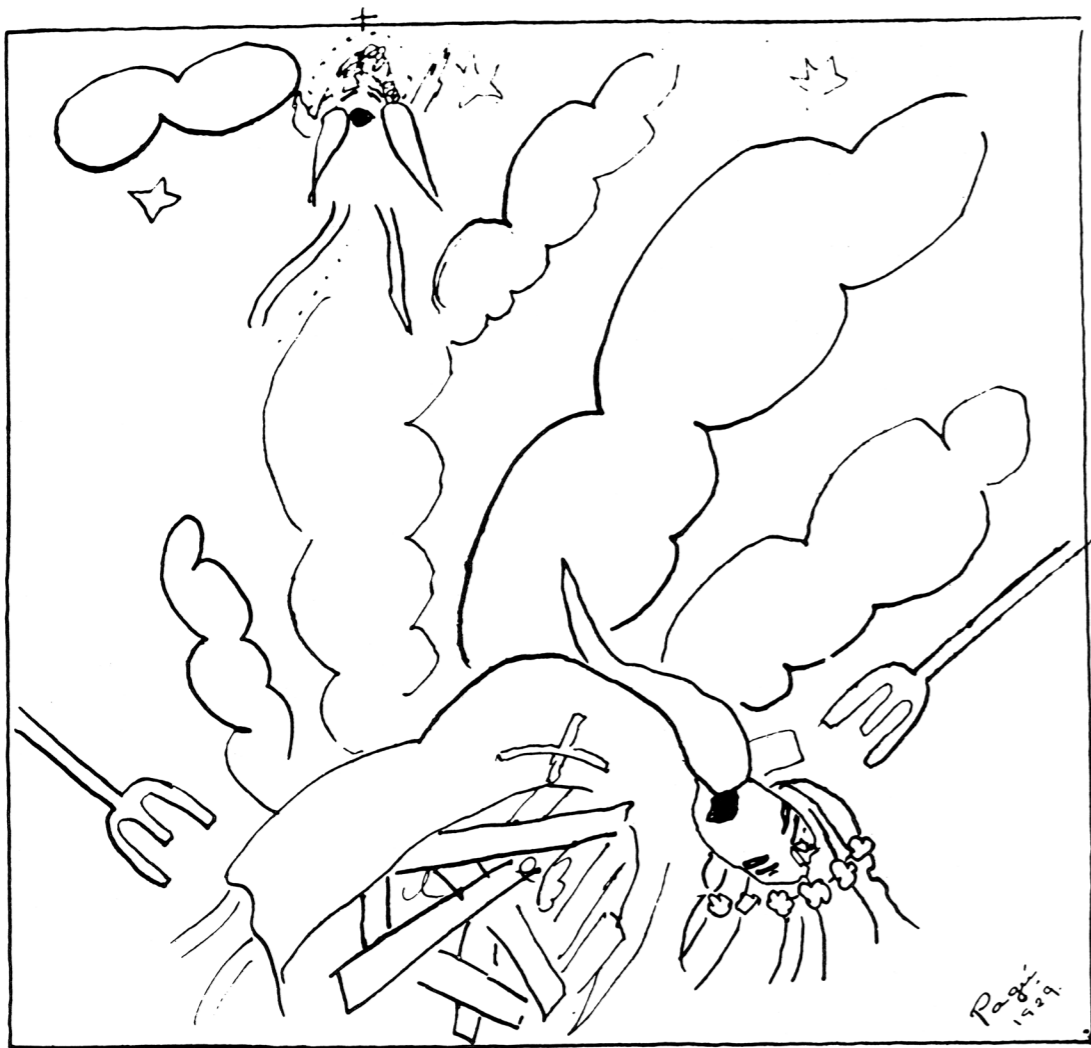
O cedro tem cheiro  
 Arranjei um galan e fomos ao cemitério.

XXVI

MORTE

psalmo 1.001.

XXVII



Quando eu morrer, não quero que chorem a minha morte.  
Deixarei o meu corpo pra vocês...

**CÓDIGO 2 SALVADOR BAHIA 1975**

**AUGUSTO DE CAMPOS**

**ANTONIO RISÉRIO**

**BETO G. CERQUEIRA**

**CAETANO VELOSO**

**DÉCIO PIGNATARI**

**ERTHOS ALBINO DE SOUZA**

**HAROLDO DE CAMPOS**

**HECTOR OLEA**

**JOSÉ LINO GRUNEWALD**

**JOÃO PATINHAS**

**JOSÉ LUÍS GARALDI**

**JOSÉ ROBERTO LAKATOS**

**LENA COUTINHO**

**RAQUEL**

**CAPA: CYGNUS/ ERTHOS ALBINO DE SOUZA  
CAPA INTERNA: CÓDIGO/ AUGUSTO DE CAMPOS**

